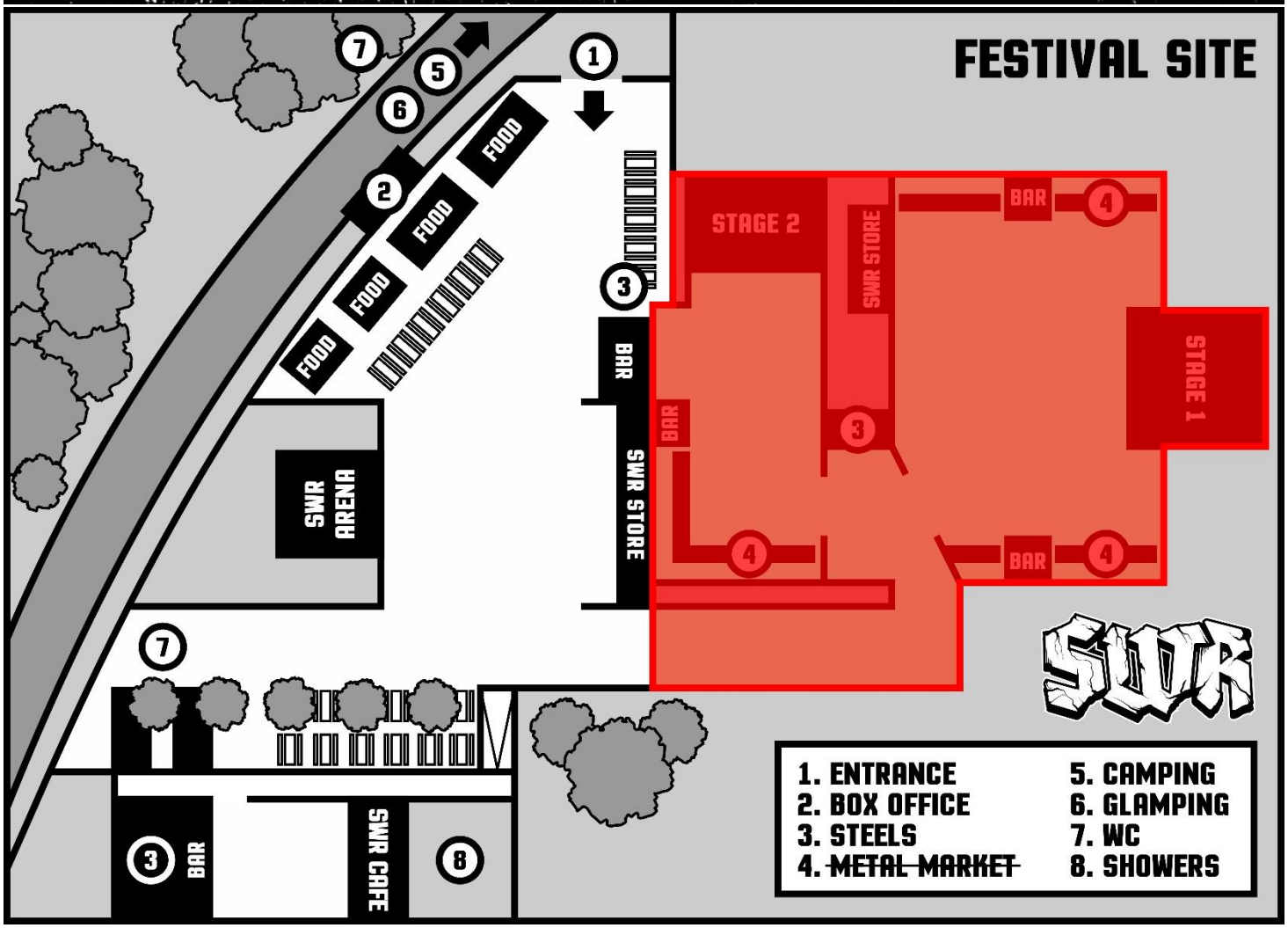
METAL HORDE ZINE & SWR BARROSELAS METALFEST PRESENT TO ALL OF YOU THE LINE-UP OF THE SWR FEAST 2022!!! BACK FROM THE DEAD!!!!

Bem-vindos, malta, a um ligeiramente diferente SWR mas, todavia, embebido com o espírito que faz deste um dos nossos festivais favoritos!! Depois de dois anos em que por todo o mundo as coisas basicamente ficaram em pausa, o SWR está de volta com um fest que é um regresso à vida, não a normal, mas a que se pode, com muitas incertezas ainda pelo mundo fora e com as coisas a poderem mudar a toda a hora. A vigésima-terceira edição do SWR Barroselas Metalfest fica adiada para 2023, mas este ano vamos ter a oportunidade de voltar ao nosso cantinho favorito e a vila mais metálica de Portugal!! Vamos ter o regresso de velhos conhecidos como Birdflesh, Simbiose, Equaleft, Alcoholocaust, Midnight Priest, Speedemon e Besta, a estreia em Barroselas de bandas como Deathhammer, MGLA, Grievance e Boulder e a estreia em Portugal de Autopsy, Nekromant, Skeletal Remains e Sijjin. Vai ser uma oportunidade de rever família, amigos e de beber uns canecos enquanto se ouvem diferentes perspectivas dentro do género que tanto amamos: o Metal! Nas próximas páginas vão poder encontrar conversas com a maior parte das bandas presentes no cartaz (muito obrigado a todos aqueles que perderam um pouco do seu tempo para tornar isto possível)!! Por isso vá, chega de conversa: apreciem o facto de estarmos todos juntos uma vez mais, bebam uns canecos (não tem de ser obrigatoriamente álcool) e abanem essas carolas como se não houvesse amanhã!!! Um abraço ou Cheers!!! Esta cópia é a de 150



SPEEDEMON

*Qual a melhor maneira de começar um fest de que levar com uma bujarda de Thrash/Heavy Metal? Eu não vejo nenhuma!! E é isso que os Ribatejanos **SPEEDEMON** trazem na bagagem para deleite de todos nós!!! Com um álbum novo a ser formado, esperem um bujardão de querer e convicção!! Speed On!!!!*

MH- Boas my friends, como vai tudo? Que tem acontecido ultimamente no vosso QG? O Covid provavelmente lixou alguns dos vossos planos mais recentes, por isso como é que têm lidado com toda esta situação que temos vivido nos últimos 2 anos? Sei que a maior parte do pessoal que vai ler isto já vos conhece, mas para quem não ainda o sabe podes apresentar quem está por detrás dos instrumentos em Speedemon!!

S- O período do Covid foi um tempo que congelou quase tudo. Quase. Na altura quando começou o confinamento estávamos a divulgar o "Hellcome", tínhamos concertos marcados, a banda estava num dos melhores períodos de sempre, as coisas estavam a rolar e a acontecer. Depois parou tudo como sabemos a nível de concertos e espetáculos, o mundo congelou e durante 2 anos. E embora tenhamos mantido sempre a nossa atividade como banda, houve alturas que até isso era impossível, devido aos confinamentos impostos. Mesmo assim, fomos sempre trabalhando em novos temas e novas ideias para a música de Speedemon e nesta altura (em 2022) estamos já a gravar o sucessor do "Hellcome" que contamos que saia ainda este ano. Vai ser um álbum que reflete até de certa forma, esse período de trabalho mais "solitário" da banda durante o Covid, pelo menos nos períodos de maiores restrições. De alguma maneira isso também inspirou alguns dos temas e temáticas das novas músicas que estarão no novo disco. Agora está a começar outro ciclo e estamos muito entusiasmados com isso! Bem, somos os mesmos já a algum tempo! O Brutus na Guitarra e Voz , o China na Bateria, o Diley no Baixo e o Bicho na Guitarra e somos os SPEEDEMON! E que estejam atentos ao nosso trabalho é o que esperemos que aconteça ao pessoal que nos segue, pois, acho que vão gostar de muita coisa no nosso novo disco! SPEED ON!!

MH- Bora lá começar pelo princípio! Como é que se deu a ideia de iniciar esta aventura chamada Speedemon? Foi sempre uma das ideias a de enveredarem pelo Heavy/Thrash Metal ou a sonoridade foi algo que foram descobrindo com os los ensaios? Como é que foram esses los ensaios?

S- Bem, os Speedemon começaram ainda em finais de 2010, início de 2011 com jams com o nosso primeiro baterista (o Branco) e eu (Bicho), ao qual se juntava um amigo nosso o Nuno. Dessas Jams foram saindo algumas ideias. Dessas ideias surgiram uns temas muito embrionários "We came to Rock" e "Blackbull". Esses temas que serviriam de base para acontecer algo. Com a entrada do Bruno na banda (de inicio baixo e voz) as coisas foram-se compondo. Depois o Bruno passa para a guitarra e entra o Peter para o baixo. Os Speedemon começam então a construir músicas para um set inicial. A ideia sobre a música que queríamos fazer sempre foi clara; teria que soar a heavy metal, thrash e speed metal. Era por aqui que queríamos caminhar. A lógica era mais ou menos esta: o peso e melodia do Heavy metal, a gana e a cena mais brutal do Thrash e a velocidade do speed metal. Estes são, vá lá, os ingredientes de todos os temas de Speedemon. Pelo menos tentamos que sejam…

MH- A banda ao longo dos tempos sofreu algumas mudanças de line-up, essencialmente na secção rítmica, essas mudanças de alguma forma atrasaram a evolução da banda ou nem por isso? Falando de evolução, dirias que o álbum de estreia mostra a evolução da banda desde os primórdios até aos dias de hoje?

S- Sim, as mudanças de line-up sempre atrasam um pouco as coisas. Na verdade a cada elemento novo que entra, existe um tempo para ensaiar os temas integrar-se na banda, tocar o set… Essas alterações já atrasaram e muito a evolução dos Speedemon. Quando fazemos isso não temos tanto tempo para criar, por exemplo. As mudanças têm sido sempre na secção rítmica, sim. Eu e o Bruno somos dos elementos "fundadores" da banda os que ainda estamos e acho que vamos ficar, he he… Sem dúvida, o Hellcome é mais o encerrar de um 1º capítulo da banda. O CD tema alguns temas antigos e outros feitos só para o CD, é como se fosse a 1ª temporada de uma serie. E no CD pode-se ouvir Speedemon "mais antigo" e Speedemon "mais actual". Quem nos segue desde o início percebe isso com facilidade. Mas a verdade é que muitos só nos conheceram por causa do HELLCOME, que teve mais impacto do que o First Blood (o nosso 1º EP).

MH- Esse álbum de estreia de nome "Hellcome" foi lançado à pouco tempo, como foi a experiência de o gravarem? Ficaram satisfeitos com o resultado final? O álbum saiu há cerca de 4 meses, como têm sido até agora o feedback ao mesmo?

S- Olha, o álbum foi gravado com o Helder Rodrigues no estúdio dele (15 Steps Up Studio) e demorámos bastante tempo a gravar. Foi um trabalho de paciência do Helder principalmente, pois, tivemos vários avanços e recuos com as captações; fomos tentando várias coisas principalmente na bateria

e nas guitarras até termos o som que gostaríamos. Queríamos que o CD soasse o mais parecido com o que a banda é ao vivo. Os Speedemon são uma banda para se ouvir ao vivo e não queríamos que o CD soasse muito diferente do que a banda soa nos concertos. Evitámos arranjos a mais, e a sobreposição de camadas sobre camadas. Tentámos ser o mais fiel possível ao que fazemos nos concertos. Em relação ás opiniões e críticas foram todas muito boas; desde a critica nacional até ao que tem saído em sites, blogs, lá fora com reviews de várias partes da Europa e não só. Toda a gente percebeu o Hellcome e gostaram do que ouviram. Para nós tem sido muito positivo; nunca achámos obviamente que iríamos ser um hype, mas queríamos acima de tudo que o nosso trabalho fosse reconhecido. Mas a nossa opinião contaria sempre pouco; seriam as pessoas ao ouvirem que fariam o seu veredicto e a coisa tem corrido até bem..he he he... Fizemos tudo para que os temas saíssem coesos e que fossem boas malhas de Heavy Metal e parece que agradámos a quem nos tem ouvido. Para nós é brutal, principalmente para as pessoas que vão aos nossos concertos e que compram o Hellcome e que depois nos dão os parabéns pela cena, é muito fixe. Obrigado a todos os que nos têm apoiado e seguido.

MH- Existe algum conceito por detrás do álbum ou podemos chamá-lo mais de uma colecção de faixas em que cada uma tem uma história própria? Penso que existem algumas faixas em que a inspiração é histórica tais como "1974"ou "Army of the Doomed" (que julgo ser sobre a WWI) e no resto, que vos inspirou a escrever as musicas que chegaram ao "Hellcome"? O próprio nome do álbum parece ter uma inspiração algo sombria, reflecte um pouco a vossa imagem da sociedade actual?

S- Sim o HELLCOME tem um conceito e uma história que começa na capa; vê-se o alter ego da banda o SPEEDEMON indicando o caminho do caos, montado no seu carro de guerra, seguido pelo seu exército de condenados num ambiente pós-apocalíptico, com um mundo devastado e totalmente destruído. O CD começa inclusive com o discurso do SPEEDEMON, anunciando o que aí vem... Uma nova ordem, um novo ciclo de sofrimento...o HELLCOME... A nossa cena é sempre um pouco cinematográfica, não somos uma banda politica nem de intervenção, relatamos mais o que vemos e tentamos recriar o temas musicalmente ao tema que a letra aborda. Todo o álbum tem como temas as fragilidades, receios, e fatalidades dos humanos: a guerra (Legion of fools) a Morte (Wall of pain) o Medo (Thunderball) a Loucura (Road to Madness), a vida a 100 a hora e sem retorno em Kings of The Road ... os nossos piores receios, as nossas maiores tragédias estão em cada tema. Dai o HELLCOME. Que foi um nome sugerido por um amigo meu que é escritor o Luis Rainha. A artwork é do mestre Armando Lopes.

MH- Vocês vão participar no SWR Feast, que parecia que nunca mais iria acontecer, o que esperas deste concerto? E o que pode esperar o publico do SWR dos Speedemon? Vão apresentar algumas coisas novas ou vão aproveitar para apresentar o 'Hellcome' em Barroselas? Últimas palavras são vossas!!

S- Sim, depois de 2 anos de adiamentos vamos finalmente a Barroselas. Estamos a preparar alguns novos temas que já farão parte do nosso próximo disco para apresentar em Barroselas. Esperemos que o publico goste destes novos temas e vamos tocar também uma seleção de temas do Hellcome. Aproveitamos para te dizer que estamos já a gravar o próximo disco, e que para breve teremos o primeiro single desse trabalho. O que podemos dizer sobre o próximo de Speedemon é que será uma continuação da saga "Hellcome", quer em termos de temática das letras, conceito gráfico, etc. Temos muito claro o que queremos fazer e achamos que o que estamos a preparar é o resultado o mais honesto possível do que a banda evoluiu desde o Hellcome. Esperemos que todos gostem! Grande Abraço à Metal Horde e obrigado pela entrevista e oportunidade!

*Com 25 anos de vida e com quatro álbuns na bagagem, os **GRIEVANCE**, que nos chegam das Caldas da Rainha, vão-nos trazer todo o poder do seu Black Metal!!! Uma estreia em Barroselas que vai fazer descer a temperatura na localidade Minhota!*

MH- Boas Koraxid, como vai tudo? Antes de começarmos a metralhar com as perguntas, introduz a quem se dignar a ler isto, quem são os humanos por detrás de Grievance ao vivo!! Em 2017/2018 juntaste uns quantos fiéis para trazer Grievance aos palcos, o que te levou a isso? Sendo que tu estás por detrás da criação de todo o conceito de Grievance, quão complicado é depois transmitir isso aos teus camaradas de palco?

K- Saudações! Senti a necessidade de colocar a minha música ao vivo para a compartilhar directamente com o público, é uma experiência muito enriquecedora para mim ter esse contacto e fazer estas performances, em relação aos membros da formação ao vivo todos têm uma ligação pessoal com a banda e comigo, por me conhecerem e conhecerem o meu trabalho há muitos anos, a relação tem sido ótima, enbora já tenham havido

alterações na formação por vários motivos. Não tem sido complicado nem dificil transmitir qual a aura e essência a ser posta ao vivo, visto todos eles serem fãs do estilo e da música de Grievance, fazendo-o em primeiro lugar por prazer e não por obrigação.

MH- Para falarmos de Grievance, temos de recuar uns bons anos atrás, nomeadamente até 1997, o que é que levou tu e o Azarath a criarem a banda? A banda depois teve um hiato que durou uns quantos anos, podes-nos contar um pouco o que foi acontecendo até ao regresso de Grievance como teu projecto a solo em 2011? Depois desse regresso já levas 4 álbuns editados, a inspiração não tem faltado?

K- Eu e o Azarath conhecemo-nos em 1995 e em 1996 eu convidei-o para ser baixista da minha primeira banda, chamada Tenebrous Dominancy, onde participou entre outros o Gornoth que viria mais tarde a ser vocalista dos Sirius. Alguns meses mais tarde, na primavera de 1997 eu e o Azarath começámos a fazer algumas jam sessions com ele na guitarra e eu na bateria, tendo em conta que estávamos complemante inebriados pelo estilo de musica que tocávamos e pelo facto da atmosfera dentro de Tenebrous Dominancy não ser na altura a melhor decidimos criar um side-project chamado Grievance, do qual nasceu a primeira demo no mesmo ano, no verão de 1997. Tenebrous Dominancy acabou por se desintegrar nesse verão e Grievance continuou, vindo mais tarde a começar a tocar ao vivo e a refazer a formação para um quarteto, o qual começou a compor musica inspirada em vários estilos de rock e metal. Em 1999 Azarath saiu do país e essa formação desintegrou-se, ficando a banda completamente parada até 2006, quando eu e o Azarath decidimos ressuscitar Grievance e voltar a praticar Black Metal, desta feita em formato trio, com um membro Espanhol (Enjendro) no baixo, Azarath na guitarra e eu na Bateria. Essa formação durou até 2008, mas devido à distância entre os membros a banda acabou por parar as suas atividades. Dessa época surgiu uma segunda demo, que simboliza esses dois anos e meio de atividade. Em 2011, e depois de vários anos de paragem, em conversa amigável com Azarath decidi continuar a solo, até aos dias de hoje. Inspiração não tem faltado e continuo na busca por melhores composições e pelo apriomoramento do som de Grievance que, embora com muitas alterações pelo meio, hoje em dia a essência da música continua a mesma que fez nascer este projecto há 25 anos atrás.

MH- Falando em álbuns o último a ser lançado foi o 'Nos Olhos da Coruja que saiu em 2020 através da War Productions, como analisas essa colaboração que já vem desde o 'Pilar, Pedra e Faca' que saiu em 2016? Com tudo o que se passou nestes últimos anos no mundo, quão difícil foi gravar este álbum? Ou o facto de teres o teu próprio estúdio ajudou bastante nisso?

K- A parceria com a War Productions tem sido ao longo dos anos um bom apoio para Grievance, esta label tem tido um comportamento exemplar comigo e se se proporcionar continuaremos a trabalhar em conjunto da War Productions sei que posso contar com profissionalismo e acima de tudo transparência. O álbum "Nos Olhos da Coruja foi composto em anos "normais", ou seja, sem pandemia, estando o mesmo pronto quando se iniciou o primeiro "Lock Down", por isso nesse aspecto não houveram entraves, houveram sim na divulgação ao vivo, mas é algo que era inevitável. Este álbum começou a ser composto em 2017 e pelo meio ainda foi composto de raiz o álbum "Em Lucefécit", sendo este composto e produzido apenas em 4 meses. Seguidamente as faixas do álbum "Nos Olhos da Coruja" foram alvo de uma revisão, sendo algumas partes quanse reescritas de raíz. É um album feito com mais tempo, logo mais polido na construção dos temas. Graças ao Axe farm Studios, o meu estudio priovado, tenho todo o tempo e meios para fazer a construção e edição dos temas, se não fosse isso dificilmente conseguiria trabalhar do mesmo modo, já que gravo e componho todo o material da banda sozinho.

MH- Sentes que este álbum é o próximo passo que tinhas em mente dar com Grievance? Como é que o comparas aos álbuns anteriores? Pode-se falar uma evolução sonora ou não gostas de ver essa palavra conotada com Grievance? Existe algum tipo de conceito que une as músicas de 'Nos Olhos da Coruja' ou cada uma trava a sua própria batalha?

K- Este álbum transmite a evolução do som da banda depois de "Pilar, Pedra e Faca" mas ao mesmo tempo, e com a composição de outro trabalho pelo meio ("Em Lucefécit"), já tem aspectos que desejo rever e melhorar embora esteja orgulhoso do resultado final. Cada tema foca ideias diferentes, sendo o tema-título um dos melhores a meu ver desta obra. O trabalho de capa foi feito de raiz pela ilustradora Diana Silva, baseado no conceito "Nos Olhos Da Coruja" e é mais um complemento visual para a atmosfera desse tema e de todo o álbum. A nível de temáticas este fala de auto-fortalecimento, aquisição de conhecimento e evolução, ao mesmo tempo olhando para a sabedoria muitas vezes ignorada que a história nos dá acerca da condição humana e da evolução da

humanidade. Há também uma inspiração muito pessoal, que se interliga com a história da banda e se baseia nas minhas deambulações noturnas pelas terras dos meus antepassados, onde ainda hoje moro. Esta zona do país tem grandes tradições e histórias para contar, desde o tempo das invasões romanas á época medieval, até ao século 18, e depois no século XX, com a miséria, o atraso e a fome que assolaram todas as regiões rurais do nosso país.

MH- 25 anos se passaram desde a criação da banda até aos dias de hoje, sendo que tu és a única constante nessas 2 décadas, quão diferente dirias é o Koraxid de hoje em dia, comparado com a pessoa que formou a banda em 1997? O que te inspirou, e inspira a fazer música tem mudado ao longo dos tempos ou tem-te acompanhado desde os primórdios? Por exemplo, as referências á Lusitânia, o que é que te apaixona por essa civilização, que hoje em dia pouco é referenciada pelo povo de Portugal?

K- Da minha parte a vontade e o feeling para fazer musica não desapareceram, muito pelo contrário, estou mais determinado que nunca a fazer crescer a banda e a compor mais e mais material, estou mais velho, sim, mas também tenho mais experiência de vida, o que ajuda a contrabalançar essa condição. A música e temática usadas em Grievance são uma extenção da minha ligação á terra, a tudo o que pertence á sua superficie e ao seu submundo, a sua energia primitiva fascina-me, tal como todas as formas primordiais de ligação á mesma. Como sou Português, identifico-me com o que me rodeia a mim na terra em que vivo e em que nasci, penso que isso é uma consequência natural, e aproveito essa inspiração apra me debruçar sobre a nossa cultura e sobre a nossa história, que por si só é riquissima e antiquissima. Penso que também essa postura dá a Grievance uma aura mais interessante e especial dentro do Black Metal mundial.

MH- Vocês vão participar no SWR Feast, que parecia que nunca mais iria acontecer, o que esperas deste concerto? E o que pode esperar o publico do SWR dos Grievance? Altura para apresentar ao vivo 'Nos Olhos da Coruja' ou será mais um olhar pelos 4 álbuns já lançados? Últimas palavras são tuas!!

K- Espero que o concerto corra pelo melhor, todos os membros da formação ao vivo têm vindo a trabalhar e aprimorar os temas, pelo que estou confiante na nossa performance. O público do SWR pode esperar total entrega da parte da banda, um concerto recheado dos melhores temas de todos os álbums e ainda temas novos inéditos serão estreados ao vivo propositadamente neste evento. Para mim é sem dúvida o melhor festival Português, sendo eu um visitante assiduo das suas edições, o ambiente é excelente e a as bandas apresentam-se sempre com grande nível. Mais uma vez agradeço a ti pela entrevista e pelo interesse na banda, que corra tudo bem com a zine e acima de tudo que a chama do Black Metal continue a iluminar o caminho!

BOULDER

Vindo do Norte, os BOULDER são um dos excelentes novos nomes na cena Portuguesa!! Com um EP saído no final de 2020 cheio de riffs lentos e pesadões, podem preparar a cabeça para uma estreia demolidora em Barroselas!!! Doom on!!!!

MH- Boas malta, como vai tudo? Antes de começarmos com as perguntas, introduzam a quem ler isto, quem está por detrás dos instrumentos em Boulder!! E já agora o que é cada um prefere para molhar a garganta em tempos de devaneio e loucura!

Boulder - Tudo a andar, e com vocês? Bem, então na bateria é o Luís Ferreira (Lyzzard, wanderer), na guitarra Telmo Marrão e voz (Soul Doubt, Sadistic Overkill) guitarra e voz Nuno Quaresma (Ex-Soul Doubt, Sadistic Overkill, Pitch Black) e o mais recente membro Pedro Magalhães (Sotz,Saephe) . E para molhar a palavra vamos todos na clássica super cuca bock obviamente eheh, mas em tempos de devaneio é o que houver…

MH- Vamos lá começar: como é que se deu o início desta aventura que se chama Boulder? O que levou à criação da banda e o que vos inspirou a fazer as primeiras músicas? Vocês tinham experiências previas a Boulder ou esta é a vossa primeira tentativa no mundo do Rock?

Quaresma- Já tinha uns riffs guardados há algum tempo, mas nunca tinha saído de 4 paredes. Depois de chatear o Telmo para fazer parte desta coisa, que nesta altura nem era nada, simplesmente um conjunto de riffs e vontade de tocar, fomos chatear o Luís.

Boulder- Depois tudo surgiu naturalmente, dentro da sala de ensaios as coisas foram saindo e nós os 3 fomo-nos divertindo e criando algumas músicas. Mais recentemente em 2022, sentimos a necessidade de uma segunda guitarra na banda. E foi assim que entrou o Pedro, saindo o Telmo do baixo e assumindo o Pedro o papel de baixista, e o telmo assumiu a lead guitar.

Boulder- Todos nós já pisamos palcos várias vezes, mas a fazer este estilo de música é a primeira vez para todos. Mas um desafio que encaramos com tranquilidade, entusiasmo e ambição.

MH- O EP saiu em Novembro de 2020 através da Gruesome Records, como é que se deu essa oportunidade? Como é que descreveriam o que se pode encontrar nesse disco, tanto a nível musical como a nível lírico? E como é que foram as reações a este vosso 1° disco?

B- O nosso primeiro EP ainda com 3 elementos, correu bastante bem. Mesmo com a pandemia tivemos a sorte de tocar em vários sítios, dar a conhecer a nossa música que é o que mais importa. Neste disco podem encontrar, riffs pesados e lentos e uma atmosfera de sensações diferentes do início ao fim do EP. Iniciamos a história da nossa personagem principal "John Smoker". No nosso próximo trabalho, iremos desvendar mais sobre a sua história.

MH- Seria difícil não falarmos no que todos passamos nestes últimos anos com a merda deste vírus, por isso quão complicado foi lançar o EP no meio da pandemia? Com esperança de que as coisas voltem a uma normalidade possível e tenham a hipótese de promover o disco ao vivo?

B- Sim, pode-se dizer que sofremos um pouco com isso. Mas sinceramente, não queríamos que isso nos impedisse de trabalhar, e lançar material novo. A pandemia, deu-nos também algum tempo para trabalharmos em coisas novas e fazermos algumas alterações na formação da banda. Brevemente lançaremos coisas novas, pesadas e barulhentas.

MH- Vocês vão participar finalmente no SWR Feast, quais as expectativas para este concerto algo diferente em relação a outros que já deram? E o que pode esperar o publico do SWR dos Boulder? Últimas palavras são vossas?

B- Para nós todos os concertos são importantes e iguais, mas claro agradecemos a oportunidade de tocar num festival de nome como o Barroselas. É um festival onde todos os membros da banda já iriam ao mesmo de livre vontade, porque cmon Barroselas é Barroselas. Podemos garantir um concerto alto, diferente e tocado da melhor forma possível, depende das horas eheh. Iremos obviamente dar o nosso melhor, como em qualquer concerto. Muito obrigado à Metal Horde Zine pela ajuda! Grande abraço malta.

Não sendo estranhos aos palcos de Barroselas, os BESTA voltam para apresentar o seu Grind feroz e rápido!! Com 10 anos no bucho esperem uma carga de porrada à maneira que eles já nos habituaram!!!

MH- Boas pessoal, como vai tudo? O Covid provavelmente lixou alguns dos vossos planos mais recentes, por isso como é que têm lidado com toda esta situação que temos vivido nos últimos 2 anos? Sei que a maior parte do pessoal que vai ler isto já vos conhece, mas para quem não ainda o sabe podes apresentar quem está por detrás dos instrumentos em Besta!!

B- O Covid serviu para termos tempo para compor e gravar o disco novo, atualmente a banda conta com Paulo Rui na voz, Rick Chain na guitarra, Lafayette na bateria e Ricardo Matias na guitarra.

MH- Besta faz uma década este ano, têm em mente fazer algo para comemorar isso ou não levam muito em conta os anos que já por aqui andam? O que vos traz à memória esses primeiros anos de Besta? No computo geral como é que veem esses 10 anos que se passaram?

B- É uma data notável, visto que 10 anos para uma banda como Besta é sinonimo de longevidade, mas não pretendemos fazer disso um marco histórico, é apenas uma data notável, mas encaramos isso com naturalidade.

MH- Em 2019 lançaram o vosso terceiro álbum, 'Eterno Rancor', que saiu pela editora Alemã, Lifeforce Records, como é que se deu a oportunidade de trabalhar com eles? Na vossa perspectiva tem sido uma boa parceria? Ouvindo os vossos trabalhos a palavra que me vem á cabeça é

consistência, concordas? Dirias que é a melhor palavra para descrever a vossa carreira?

B- O Eterno Rancor +e o nosso 2 álbum e não 3 álbum, a Lifeforce Records surgiu no seguimento de termos trabalhado anteriormente com eles quando tínhamos os We Are The Damned, por consequência disso eles abordaram nos para assinar Besta e foi isso que aconteceu. Acho que somos uma banda prolifica e estável e isso nota se ao longo destes 10 anos de banda.

MH- Li algures que vocês estavam a trabalhar no novo álbum, como é que isso está a correr? Podem desvendar alguma coisa acerca do mesmo ou para já ainda é cedo? E o que pode esperar o pessoal que vai assistir ao regresso de Besta a Barroselas? Vão fazer uma passagem pela vossa carreira ou focar-se em algum álbum em específico? E visto que estão a trabalhar nesse álbum novo pensam apresentar algumas dessas novas músicas em Barroselas?

B- O disco novo está gravado, estando apenas a faltar a voz, não vamos tocar nada novo em Barroselas, pois o disco está guardado para a ocasião certa, quanto a Barroselas, é um lugar especial e um Festival especial, tem tudo a ver com Besta, apesar de encarar mos todos os shows da mesma forma.

MH- As vossas letras sempre foram bastante pertinentes, e de critica social, nos dias que correm e com tudo o que se passa à nossa volta acham que cada vez mais é importante as bandas de música alternativa terem uma voz activa no que se vai passando, tanto além-fronteiras como dentro do país onde se vive? Infelizmente, material para vos servir de inspiração não vai faltando, certo?

B- Não acho que todas as bandas tenham de ter uma voz activa pelo estado das coisas, as bandas falam do que quiserem falar, nós mantemos essa linha porque é algo que nos interessa abordar, mas acho também normal as bandas que não o fazem.

MH- Regresso a Barroselas, para este SWR Feast, que devido a todas as circunstâncias, foi um parto bem difícil, que esperam deste retorno a um dos festivais mais antigos de Portugal? Têm muitas boas memórias das outras passagens por Barroselas? Últimas palavras ficam a vosso cargo!!! Abraço!!

B- Barroselas sempre foi incrível, e este ano não vai ser diferente, vénias aos Veiga por manterem a chama viva, mesmo em tempos difíceis.

Arriving from Sweden NEKROMANT promises a lot of Heavy Metal, which they have been delivering in the three albums they have released so far!!! Don't miss their debut in Portuguese lands!!! Doom on!!!

MH- Hi guys, how is everything? First thing, presentations: who is behind the instruments in Nekromant? What's been happening lately in the Nekromant HQ? Favourite drinks for the three of you?

N- Hey, thanks for reaching out to us. Our line-up is the same as it always has been; Adam Lundqvist on guitar, Jocke Olsson on drums and me, Mattias Ottosson on bass and vocals. As all smaller bands, we are mildly affected by this covid 19-situation. Some cancelled gigs and such, nothing too bad, although we were greatly looking forward to play in Portugal as it is our first time on the Iberian Peninsula. Our band economy is not affected at all, since we hardly ever make any money ever, so no problems there! I would say that we all enjoy cheap European beer in large quantities, although a whiskey here and there is not bad.

MH- Your story started around 2011 when you guys formed under the name Serpent, so how did you meet and how did happen the idea of forming your own band? You started as a duo, right? How did you evolve to the trio you are today? You guys released a couple of albums as Serpent but then in 2016, changed your name to Nekromant, which is the title of your second and last album as Serpent, so why the change?

N- Correct, we formed under the name Serpent. Me and Adam have been playing in bands together since we were very young, so it was never a hard decision to form up again. We just like to play heavy metal together. I guess we "evolved" into a trio by needing a drummer… We basically started this whole thing as a duo, sure, but I do not really count the few years before we joined up with Jocke, that's when we really began to find out what we wanted to do. The name change was more a must than a want really, there were other bands called Serpent and we were kind of last to the party on that name. And since our first real album was called Nekromant it made sense for us to choose a name that was already connected to us.

MH- What would you say is your main inspiration when writing music? For what I've heard you guys seem to drink heavily from the Traditional Doom school, would you say that's your main inspiration? For those unaware of Nekromant, can you describe us in your own words the sonority you guys do?

N- We draw most inspiration from classic band such as Black Sabbath, Judas Priest, Rainbow and so on, but also from a lot of different black metal bands. I have been listening to a mix of those two for ages, so it only makes sense that I get inspired by it. On our latest release, "Temple of Haal", we have taken a turn towards more classic heavy metal and I love that. I do not consider us to ever have been a part of the new wave stoner-doom movement,

although I have great respect for that. We play heavy metal with a slight dark touch to it, classic but not stale.

MH- Last year came 'Temple of Haal', so how difficult was to record and release this one, with everything that was happening in the world? The album was recorded in the Sweetspot Studio, how did that work? Everything went as planned?

N- Well, I don't think I ever felt that an album was particularly hard to record or release, especially not because of "real world issues". To me, music is part an escape to another world and part just good old-fashioned fun. We would of course have liked to tour a bit more on the album, but it is what it is, a lot of people have had a lot more problems than us. Sweetspot was great, it was a really good and inspiring environment to be in. I am very happy with the album sound wise, and with the direction we took.

MH- You are also working with a different label, Despotz Records, how did happen the chance to work with them? How have been the reviews so far to 'Temple of Haal'? I've read that the album is inspired in your hometown, Vargön, can you elaborate on that?

N- That's right, we signed with Despotz Records. So far I am really impressed with their professionalism and their ability to get shit done, which I highly appreciate. The reviews have been great! Honestly, it's a little hard to take in all the great feedback that we received since the release, it really makes me proud of what we have done. I would like to say something cool like "I don't care what people say about us", which is true in a way, but its way more fun to get a good response for something that you have worked hard on. I just feel really thankful.

MH- So finally we get to SWR Feast and your presence in Portugal, how are you guys feeling on that? Is this your first time in Portugal? What can the SWR crowd wait from Nekromant and what do you expect on the other side? Last words are yours!!!

N- We are truly excited to come to Portugal. It's always fun to do a gig, but also to just visit your country! I've been hearing a lot of good things about your wine, for instance. It will also be an honour to share the stage with the other great bands at the festival. Thank you very much, we appreciate to be a part of Metal Horde and we promise to deliver some Swedish quality metal to you! Cheers! // Mattias

DEATHHAMMER

In 2005 something was being cooked in the lands of Norway, from the cauldron came one of the most deviant bands in history: DEATHHAMMER. If you still haven't been infected buy their music, you are on time as they have a new album and are coming to Barroselas!!! Lock up your beers!!!!

MH- Hey guys, how are you? Covid probably screwed some of your plans, so how did you cope with all this situation we have been living for the past couple of years? You guys just released a new album this year and things seem to be opening more and more, so any plans already for a world domination tour?

Sergeant Salsten: It wasn't that bad, we just focused on making the record. There was a couple of weird shows we did but that was it. We had to think of other shit to do like make a video. There has been some talks of touring but all plans are in the early stages so we'll see what the future brings.

MH- Seventeen years ago, Sarge and Sadomancer started this infamous beast which goes by the name of Deathhammer, in all these years it has just been the two of you, ever thought on adding extra maniacs to the line-up or the two of you is the way to be? When you guys started the band in 2005 did you have that in mind? To be just the two of you unleashing the chaos with Deathhammer? Who are the remaining maniacs that will crawl on stage with you in Portugal?

Sergeant Salsten: I think Jon Doom almost joined the band a very long time ago, but except for that time it's never been an option. Sadomancer and me are on the same page with this shit, everything just bursts out in a seamless rage. The remaining warriors of evil are Bowelripper on guitar and Obskurvind pounds the drums.

MH- Besides being a fierce force live act, you guys also don't procrastinate in the studio, with over a dozen releases, including five full-lengths, pretty much accurate to say that when you two get together the flames of creativity go high in the sky, so where do you think the Deathhammer sound is better experienced, live or in studio? Or a good balance between both? Chaos usually is connected to your live sets, does that happen also in studio? Or you guys when you go to studio try to be a little less chaotic? Do you still record your

albums in Sadomancer's basement?

Sergeant Salsten: There is definitely chaos connected to everything we do. We don't record in his basement anymore but we still used the same old recording device that we've used for all our albums and demos. This time we recorded it in a little annex in the woods of Ås.

MH- You guys returning to Portugal to play in a fest that finally is happening after all this shit situation we lived, so any expectations at all? Just try to enjoy some good weather, cheap wine and beer, and, have some fun? Are you guys going to play mostly the new album or a bit of everything from your discography? Last rotten words are yours!!!

Sergeant Salsten: I reckon it's gonna be fuckin wicked. Autopsy is gonna kill! We'll play half of the new album and then heaps of older songs. Suffer the ripping attack!

MGLA is a band that after two decades of sheer destruction doesn't need much of an introduction. Created around the beginning of the century by M. (which plays everything in Mgla except drums) they created a major stir first with a couple of EP's and then with their debut album 'Groza', which came out in 2008. After the release of 'With Hearts Toward None' in 2012, Mgla started to play live with M. having by his side the official drummer Darkside and some guest live musicians. Two more albums came in the meantime: 'Exercises in Futility' in 2015 and the latest one, 'Age Of Excuse', out in 2019, out through Northern Heritage Records, which has been their label almost since the early beginning. Their music is not to enjoy lightly as you can see it as almost like a ritual blasted by their gritty Black Metal!!! Something quite unique which we will be able to witness in the end of April in Barroselas!!! A performace surely not to miss from all interested in the art of Black Metal.

Born in 2011 in the California State, SKELETAL REMAINS, have been hailed as one of the bands that brought back Death Metal to its roots!! With four albums in their baggage, the last of which, 'The Entombment of Chaos' released in 2020, through Century Media Records, this four-piece arrives for the first time in Portugal to unleash their fierce Death fucking Metal!! Except some old school sounds coming from the guitars of Mike De La O and Chris Monroy (which also provides vocals), the bass of Noah Young and the drums of Pierce Williams!!! Bring it on and be Condemned to Misery!!!!

Os reis do deboche estão de volta a Barroselas para mais uma tirada de profanação e alto e bom Heavy Metal das trevas!! Com o álbum de estreia na mochila, esperem mais uma sessão de vilania e heavy drinking por parte dos ALCOHOLOCAUST!!!

MH- Boas my friend, como vai tudo? O Covid provavelmente lixou alguns dos vossos planos mais recentes, por isso como é que têm lidado com toda esta situação que temos vivido nos últimos 2 anos? Sei que a maior parte do pessoal que vai ler isto já vos conhece, mas para quem não ainda o sabe podes apresentar quem está por detrás dos instrumentos em Alcoholocaust!!

A- Boas Nuno! Estou aqui a ouvir o último álbum de Midnight e a beber umas cucas enquanto respondo a isto. Estes 2 últimos anos foram espectaculares, não foi preciso tocar ao vivo e apanhar seca a tocar temas que já estão feitos e conseguimos compor o próximo disco. A parte mais agradável foi apanhar grandes chibas em casa, sem que nos fodam a cabeça, a ouvir belos clássicos de heavy metal of darkness and death. A sorte de quem não nos conhece é não ter tropeçado por qualquer um de nós em noites de copos, num qualquer antro hediondo do underground nacional. Mas, basicamente, o esquadrão necroborrachão é constituído pelo Blaspher nas vozes, o arauto da blasfémia total, eu na guitarra e bulldozer infernal, o Speed Bastardo na guitarra solo e suprema invocação do speed metal tornado, pelo profeta da solução abismal no baixo, Sordidus, e o Thrashminator no assalto metálico infernal à bateria. Quem nos conhece, já se deve ter apercebido que é uma equipa oleada na prática do alcoolismo niilista.

MH- Já andam nisto há cerca de duas décadas, que tipo de memórias te vêm à cabeça quando relembras esse início? Muita noite a uivar pela serra? Os níveis de álcool consumido foram crescendo ou diminuindo com a evolução de Alcoholocaust? Ou mudou a qualidade vs quantidade?

A- Oh pá, isto está cada vez pior… Antigamente, erámos 2 jovens, eu e o Blaspher, (mas já rabugentos) a curtir o "Pleasure to Kill" na serra com a horda cadavérica. Agora somOs 5 desorientados a curtir o "Show no Mercy" em qualquer lado. Qualidade Vs quantidade não faz sentido nenhum a partir da terceira cerveja, o preço é que coordena as nossas operações alcoólicas. Daí as memórias viverem numa névoa cinzenta no submundo…

MH- Com a entrada de novo sangue em Alcoholocaust vocês parecem ter ficado um pouco menos letárgicos, precisavam de levar uns pontapés no traseiro? Essa juventude trouxe algumas novas influencias musicais para Alcoholocaust ou continua tudo banhado em litros de Bulldozer, Violent Force ou Deathrow (os alemães)? Falando um pouco nisso, existe algum Thrash das barracas mais recente que achas interessante ou nem por isso?

A- Entretanto ouvi o "Possessed by fire" de Exumer, que é mais um belo disco de thrash teutónico. Sensivelmente em 2013, chegámos a um ponto sem retorno, em que preferíamos beber cerveja quente e nem nos chateávamos com Alcoholocaust. O Thrashminator e o Sordidus foram fundamentais para sairmos do estado alcoólico necrocataléptico em que nos encontrávamos. O nosso aprofundado, moderno e exigente processo de selecção e recrutamento de necrodrunk thrashers para este conjunto exige que curtam, pelo menos, os mesmos clássicos que sempre nos influenciaram e apreciem a leviandade duma vida sem sentido. É claro que lhes destruímos os sonhos de juventude com rios de cerveja, shots de croft, som nas alturas e picos no braço. Em termos de música contemporânea e ecléctica, aconselhamos ouvirem Deathhammer, Nekromantheon, Inculter, Infant Death, Black Hosts, Arnaut Pavle, Gravedäncer, Nocturnal, Wanderer, Vectis ou Condor, para acabar o name droping. É claro que tudo isto só faz sentido se já conheceres Venom e Motörhead quanto baste.

MH- Em 2019 saiu o vosso álbum de estreia, 'Necro Apocalipse Bestial', quão caóticas foram as sessões de gravação deste vosso opus? Sabem quantos litros de cerveja e vinho barato foram consumidos nessa devastação? O álbum tem um pouco mais de meia hora, mais do que tempo suficiente para corromper a humanidade, certo?

A- Ninguém se deu ao trabalho de contabilizar o álcool consumido entre composição e gravação do álbum. E, muito possivelmente, nenhum de nós o conseguiria, até porque estávamos mais concentrados em não escangalhar material no estúdio e levar a paciência do André ao limite (gajo do estúdio e guitarrista de Wanderer), como grandes profissionais que somos. Aliás, nem nos dávamos ao trabalho de saber tocar/cantar muito bem as cenas, quanto mais contar o que era bebido! Sei lá, nós curtimos discos pequeninos, imediatos e que não chateiem muito. Porque iríamos fazer algo de diferente!? O tempo que tem, chega bem para o gasto.

MH- O álbum foi bastante bem recebido com a primeira edição da cassete, LP e Cd a desparecerem e a ter que existir uma segunda edição, ficaram

surpreendidos por haver tanto interesse na vossa música etílica? Li uma review onde dizia que o ouvinte só sendo um bastardo consegue apreciar musica feita por outros bastardos (e bastardo é um elogio), concordam?

A- A parte que nos interessava de o disco "desaparecer" é o Blaspher/Helldprod não ficarem encalhados em termos monetários. O resto que se foda, se existirem pelo planeta fora metálicos que se identificam connosco e curtem o nosso rock n'roll blasfémico, satânico e herege, aumenta a probabilidade de experimentarmos cervejas exóticas e termos sítios para descansar as carcaças em incursões nocturnas a outros pardieiros metálicos, enquanto ouvimos Saxon. Se estamos a falar de música feita por gajOs decadentes e primitivos, quem a iria ouvir!? Ninguém aqui almeja mais para além do que aquilo que é ou assume como modo de vida.

MH- Regresso a Barroselas, para este SWR Feast, que devido a todas as circunstâncias, foi um parto bem difícil, que esperam deste retorno a um dos festivais mais antigos de Portugal? Têm muitas memórias das outras passagens por Barroselas? E o que pode esperar o pessoal que vai assistir ao regresso de Alcoholocaust a Barroselas? Aproveitar para rodar o álbum? Últimas palavras ficam a vosso cargo!!! Abraço!!

A- Esperamos apenas mais uma etapa do eclipse total do fígado, a nossa anti-tour de 2022. As memórias do SWR coabitam com as nossas memórias dos primórdios da banda, naquele submundo nebuloso. Iremos apresentar um tema do novo disco, que já andamos a tocar por aí. No meio do turbilhão alcoólico, irá soar a todos os outros que já fizemos, sejam do primeiro disco ou das demos. É sempre a mesma merda, não sabemos fazer as coisas de forma diferente. Ergueremos os nossos copos a ti e aos Veigas, por mais uma vez, nos aturarem. O resto será apenas usufruirmos todos de 2 dias a abanar as ossadas ao infame som da maldade, acompanhados de licores maltosos e destilados, até mais um dia nascer e nada aprender. Ugh! Abraço!

Os EQUALEFT são uma cara conhecida do pessoal de Barroselas e mais um ano vamos ter o prazer de os rever!! Com dois álbuns no currículo e uma tonelada de energéticos concertos, esperem mais uma bela dose de Metal e muito suor para gastar!!!!

MH- Boas Miguel, como vai tudo? Que tem acontecido ultimamente no QG dos Equaleft? O Covid provavelmente lixou alguns dos vossos planos mais recentes, por isso como é que têm lidado com toda esta situação que temos vivido nos últimos 2 anos? Sei que a maior parte do pessoal que vai ler isto já vos conhece, mas para quem não ainda vos conhece podes apresentar quem está por detrás dos instrumentos em Equaleft!!

E- Boas, infelizmente com toda a situação do covid fez com que a promoção do "We Defy" mais curta e todos os concertos de 2020 fossem ou adiados ou cancelados. Mesmo assim com todas as dificuldades penso que conseguimos aguentar e não perder a motivação, prova disso é que neste momento já estamos em pré-produção para o nosso 3º álbum e também vamos fazer alguns concertos até ao final do ano. O actual line up da banda: Miguel Inglês - Voz; Manuel Bernardo "Malone"-Guitarra; Miguel Martins - Guitarra; André Matos-Baixo e GASPAR "o animal" Ribeiro-Bateria.

MH- Equaleft nasceu por volta de 2004, que vos passou pela cabeça para criarem a vossa própria banda? Ainda te lembras de como é que os Equaleft passaram de uma ideia a ser algo concreto, escrevendo músicas e tocando ao vivo? Como é que surgiu o nome Equaleft?

E- Na altura eu estava sem banda e estava na conversa com mais alguns amigos com quem já tinha partilhado outras bandas e surgiu a ideia de fazermos um som "metal", mas sem estar a colocar limites de inspiração. O nome no início provisório até era "Pyro" e só uns ensaios depois é que surgiu a ideia de Equaleft. Andamos os primeiros anos a dar alguns concertos e depois só passado uns 4 anos é que começamos a levar mais a sério os nossos objetivos, tendo assim muito mais ensaios e concertos.

MH- Desde essa altura tu és a única constante da banda, pensas que essa instabilidade no line-up, atrasou um pouco a evolução da banda ou como o vosso álbum de estreia diz, a banda tem sabido adaptar-se e sobreviver sem sofrer muito com isso? Dirias que cada elemento que passou pela banda foi deixando a sua marca na vossa sonoridade?

E- Ao longo dos anos fomos mudando de membros da banda devido á indisponibilidade dos mesmos, a música não é a nossa profissão principal por isso nem sempre é fácil, mas todos que passaram por Equaleft foram importantes cada um á sua maneira. Eu sou o único desde o início e o Manuel "Malone" também já está na banda há uns 10 anos por isso como os mais "antigos" sentimos que temos conseguido nos adaptar e sobreviver ás várias adversidades ao longo dos tempos. Houve alturas que poderíamos certamente ter terminado a banda e com a rodagem que tínhamos poderíamos fazer uma nova banda, mas aparece sempre alguém que ingressa no nosso grupo e que nos motiva a continuar. Pelo menos até agora tem resultado, conseguimos fazer a música que queremos e somos uns privilegiados por continuar a ter público a quem mostrar as nossas músicas.

MH- 'We Defy', o vosso mais recente álbum saiu em 2019 pela Raging Planet Records e pela Raising Legends Records, que também estiveram por detrás do lançamento da vossa estreia, suponho que estejam contentes com a forma como eles têm tratado de vocês, certo? Quão importante é para

uma banda ter uma editora (no vosso caso duas) a ajudar na promoção e distribuição da sua música?

E- Estamos contentes pela ajuda tanto da Raising Legends Records como pela Raging Planet, somos todos amigos há imensos anos e isso facilita. Muitas das vezes também não podem ser só as editoras a trabalhar, mas sim também a banda que tem que fazer um trabalho continuo para assim se completar o esforço de ambos.

MH- Quando colocas lado a lado o 'Adapt & Survive' e o 'We Defy' quais são as maiores diferenças que encontras? A nível de gravação, foi muito diferente gravar este segundo álbum? Ou decidiram manter a fórmula experimentada com o 'Adapt & Survive'? Como é que foi o feedback a este segundo trabalho?

E- São dois trabalhos bem diferentes gravados em alturas diferentes. No " Adapt & Survive" penso que foi mais cansativo pois gravávamos mais longe de casa e implicou mais deslocações e tivemos algumas contrariedades em todo o processo. No We Defy já tínhamos o álbum mais ou menos alinhavado, é um álbum mais intenso do que o Adapt & Survive e se calhar também mais equilibrado. Felizmente na apresentação dos dois álbuns conseguimos esgotar o "Metalpoint" e o "Hard Club", o que para nós foi ótimo ter uma casa cheia para apresentarmos os nossos temas.

MH- Cerca de 20 anos nesta vida como banda, como é que veem o trajecto que vocês já trilharam? Sentem que ainda têm muito para dar? Qual dirias que é a maior diferença que vês entre o Miguel de 2004 e o Miguel de hoje em dia? Mais maduro? Eheh

E- Mais velho sem dúvida, ahah mas se calhar mais feliz com a música que faço hoje em dia. Com Equaleft consegui fazer o trajeto á moda antiga, desde a promo, demo, ep e álbum, aprendi muito nestes anos todos, muitos concertos foram dados e as vivências deram-me ainda mais motivação para continuar. Sou um felizardo por fazer a música que gosto e poder partilhar o palco, estúdio e sala de ensaio com amigos, músicos que encaixam no som que eu gosto e assim facilmente conseguimos compor as músicas.

MH- Regresso a Barroselas, para este SWR Feast, que devido a todas as circunstâncias, foi um parto bem difícil, que esperam deste retorno a um dos festivais mais antigos de Portugal? É bom voltar a Barroselas, certo? O que pode esperar o pessoal que vai assistir à vossa devastação? Vão aproveitar para rodar o 'We Defy', já que concertos têm sido escassos nos últimos tempos? Últimas palavras ficam a vosso cargo!!! Abraço

E- Vai ser espetacular voltar a tocar em Barroselas, vai ser a 4ª vez que lá actuamos. É um sítio único e onde nos sentimos sempre bem, algumas pessoas ás vezes ficam surpreendidas por estarmos no cartaz por não sermos o "típico" estilo de Barroselas. Digo sempre que em Barroselas toca-se com a alma e não com os estilos, é um ótimo desafio para qualquer banda tocar lá. Vamos aproveitar para tocar músicas dos dois álbuns e esperamos-vos encontrar a todos na peregrinação anual a Barroselas. Podem contar com os Húngaros em palco mais vez. Abraço e muito obrigado Metal Horde Zine pelo apoio e dedicação.

SIMBIOSE

Os SIMBIOSE com mais de trinta anos de carreira são uma das bandas mais veteranas da cena Portuguesa. Sete álbuns e muitos splits depois o Crust/Grind deles está cada vez mais aperfeiçoado!! Preparem as ossadas em Barroselas para a tareia!!

MH- Boas malta, como vão? Que tem acontecido ultimamente no QG dos Simbiose? O Covid provavelmente lixou alguns dos vossos planos mais recentes, por isso como é que têm lidado com toda esta situação que temos vivido nos últimos 2 anos? Sei que a maior parte do pessoal que vai ler isto já vos conhece, mas para quem não ainda vos conhece podes apresentar quem está por detrás dos instrumentos em Simbiose!!

S- Ora bem, Por aqui está tudo bem… ansiosos por termos voltado aos palcos e voltar a malta , amigos, fãs como era dantes, espero que voltamos à normalidade e não voltamos mais para traz. Bem o covid na realidade lixou-nos a apresentação do disco "Banalization of Evil" que ficou a meio e com muito para dar… Entretanto fizemos neste período temas que dá para gravar outro disco e retiramos 2 temas para um split com os Belgas Visions of War. A banda continua com os mesmos membros: Johnie, Nuno, Luís e João.

MH- Já lá vão mais de 30 anos desde que Simbiose começou, ainda se lembram como é que se deu o início desta aventura? O que é que vos levou a criar a vossa própria banda? O que diriam que mudou mais nestes 30 anos, não só pessoalmente, mas como banda? Acham preocupante que musicas que escreveram há 30 anos como 'Portugal em

Chamas' ou 'Auto-Extinção' ainda são assuntos válidos hoje em dia?

S- O início desta aventura deu se muito naturalmente, um grupo de amigos que ouviam metal e punk e na altura mais ligados ao crust ENT, DOOM , HIATUS, RDP etc ainda bastante putos começaram a fazer uns riffs e logo que tiveram oportunidade juntaram-se para fazer umas malhas. Sim é verdade muitos vezes deparamo-nos com os assuntos de temas escritos há 30 / 20 anos atrás estão atuais que se calhar quando foram feitos…isto significa que a sociedade não evoluiu assim tanto e muitas vezes a evolução é para pior.

MH- O vosso mais recente álbum saiu em 2019 pela Amazing Records, em Portugal como é que se deu a oportunidade de trabalhar com eles? Fora de Portugal, o álbum saiu numa colaboração entre várias editoras, como é que isso aconteceu? Foram vocês que procuraram essas editoras ou isso ficou resolvido entre as editoras? Têm recebido algum feedback de como o álbum foi recebido pelos media e fans?

S- Sobre a Amazing nós já trabalhávamos com eles na parte do agenciamento dos concertos cá em Portugal e, entretanto, eles começaram a editar discos e na altura fez todo o sentido lançar por eles. Fora de Portugal faz muitos anos que trabalhamos assim, juntamos várias editoras de todo o mundo e fazem a edição em conjunto tanto em cd como em vinil.

MH- Como é que veem esse álbum na escada da evolução do som de Simbiose? Podemos falar na continuação de um caminho que têm trilhado com os trabalhos anteriores? Dirias que ao longo da vossa carreira o vosso som foi evoluindo de uma forma consistente, um pouco à imagem de vocês como músicos e pessoas?

S- Conseguimos nestes últimos anos chegar ao ponto que queríamos e sonhamos em termos de gravação e edição. Os últimos dois discos "Trapped" e "Banalization of Evil" foram gravados e misturados pelo nosso guitarrista Nuno Rua, no nosso local de ensaio, o que nos permitiu evoluir muito e conseguir chegar ao som que realmente queremos e nos identifica, nada melhor como alguém que faz parte da banda e que conhece bem as músicas chegar ao que queremos…

MH- A nível de letras é um álbum que mostra a vossa não conformação a muito do que se vai passando neste nosso louco mundo, e isso fica bem marcado em faixas como 'Refugiados', 'Na Mão de Estranhos' ou a música que dá nome ao álbum, diriam que infelizmente a humanidade continua a dar-vos muito motivos para escreverem músicas como essas? Infelizmente, é um álbum que também fica marcado pela perda de um elemento, um amigo, que era o Bifes, esta é uma vida muito traiçoeira, certo?

S- Acho que continua a dar nos motivos a nós e muita gente, cada vez mais, o mais retrocedente disto tudo é que muitas das letras que escrevemos há 20 ou 30 anos são tão atuais como eram nessa altura, isto é que é assustador… Sobre o outro tema não há muito mais que falar…perdemos um grande amigo e uma grande pessoa e isso ainda hoje nos pesa e é difícil aceitar.

MH- Regresso a Barroselas, para este SWR Feast, que devido a todas as circunstâncias, foi um parto bem difícil, que esperam deste retorno a um dos festivais mais antigos de Portugal? Vão aproveitar para festejar os 30 anos de Simbiose ou vai ser mais para promoverem o 'Banalization of Evil'? Últimas palavras ficam a vosso cargo!!! Abraço!!

S- Malta em Barroselas, vamos tocar um bocadinho de cada álbum para festejar os 30 anos de simbiose com vocês até já!

Midnight Priest

Heavy fucking Metal é o que podem esperar dos Conimbricenses MIDNIGHT PRIEST, uma banda, que desde que apareceu em 2008, não deixou os seus créditos por mãos alheias lançando trabalho atras de trabalho, que iam mostrando a qualidade da banda!! Com novo vocalista, a banda volta a Barroselas para enfeitiçar todos os presentes!!

MH- Boas malta, como vai tudo? Algumas novidades pelo vosso QG? Penso que muitos de nós nos perguntamos quem vai cantar convosco nesta actuação em Barroselas, já arranjaram o quinto elemento de Midnight Priest ou para este vão se socorrer de um antigo membro ou de um vocalista convidado? Eu sei que a maior parte do pessoal que vai a Barroselas já vos conhece, mas para os 3% que ainda não vos conhecem podem apresentar quem está por detrás dos instrumentos em Midnight Priest?

MP- Os MIDNIGHT PRIEST surgiram em Coimbra no inverno de 2008 e já passaram por seis formações. Neste momento os membros da banda são: Steelbringer na guitarra, Wartank na bateria,

Speedfaias no baixo e Iron Fist na guitarra. Temos um novo vocalista que podem conhecer no SWR.

MH- Já se passaram cerca de 14 anos desde que iniciaram esta aventura que dá pelo nome de Midnight Priest, como é que veem o trajecto que percorreram até agora com a banda? Tem sido uma viagem interessante? Ao longo dos anos existiram algumas mudanças no line-up, e que basicamente deixaram o War Tank e o Iron Fist como os únicos membros fundadores, diriam que essas mudanças alteraram os planos que tinham para Midnight Priest ou nunca fizeram grandes planos e vão apenas actuando conforme as coisas se proporcionam?

MP- Nunca fizemos grandes planos. O nosso objectivo principal sempre foi tocar em festivais e fazer digressões. A avaliação é positiva, pese embora o facto de não termos uma produção discográfica com a frequência desejada, mesmo para uma banda com estas aspirações. A falta de dinheiro e a logística sempre foram dois grandes obstáculos no nosso caminho. As sucessivas mudanças de line up obrigam-nos a manter o foco nos concertos antes de nos podermos concentrar em coisas novas.

MH- Provavelmente muitas outras coisas mudaram para vocês nestes 14 anos que passaram, se pudessem fazer uma viagem no DeLorean até 2008 que conselho dariam aos jovens Midnight Priest? Tiveram já a oportunidade de tocar ao vivo em vários países europeus como Grécia, Alemanha ou França, diriam que essa é uma das melhores coisas de ter uma banda, de poder partilhar pessoalmente a vossa música com fãs de todo o mundo? Quão devastador é para os vossos fígados andarem em tour?

MP- Se voltássemos a 2008, dizia-lhes para beberem menos e trabalharem mais. Nós ensaiávamos numa cozinha, o que não facilitava a operação. Também sugeriria que fizessem pré produção dos álbuns que tencionam gravar. Ter as letras completas e as músicas terminadas antes de ir para o estúdio faz toda a diferença. Fazer uma tour passa de férias pagas a trabalho precário num instante. Tem tanto de galvanizador como de devastador, perdemos anos de vida, mas ganhamos tudo o resto; contactos, amigos, distribuição. Já nos despedimos de vários empregos para fazer digressões e nunca nos arrependemos. Só daquela vez que o Kai Hansen nos pediu para ensaiar mais.

MH- Em 2019 saiu 'Aggressive Hauntings', o vosso terceiro álbum, e o primeiro na vossa relação com a Metal On Metal Records, como é que se deu a oportunidade de começar a trabalhar com a Jowita e com o Simone? E para já como veem essa relação? Apesar de já ter saído há quase 3 anos, mas, em que mais de 2 desses anos muitos de nós tivemos fechados em casa sem concertos, provavelmente o álbum ainda soa a novo para vocês, certo?

MP- Antes pelo contrário. O "Aggressive Hauntings" demorou três anos para ser gravado e essa demora tem um efeito altamente nocivo. As músicas ficam velhas para a banda antes sequer de chegarem ao público. Quando chegou o deadline não tínhamos o álbum completamente gravado e isso deixou logo uma excelente impressão nossa na editora. Como não tínhamos estúdio onde gravar com o nosso orçamento, tivemos que improvisar e acabámos por gravar em três sítios diferentes, com três produtores diferentes. O resultado final é um milagre. Parabéns aos produtores e engenheiros que gravaram e masterizaram este Frankenstein. A nossa relação com a MOMR é boa, apesar de termos estado dormentes nos últimos dois anos. A parceria surgiu quando nos abordaram depois de um concerto de MP em Leipzig em 2015 e na altura falou-se logo disso.

MH- Comparando 'Aggressive Hauntings' com os seus predecessores dirias que é mais um passo na evolução de Midnight Priest? Uma coisa que penso ninguém pode dizer, é que vocês se limitaram a repetir fórmulas passadas, pensas que ao terceiro álbum já podemos falar numa identidade Midnight Priest? Já atingiram aquilo que gostariam de alcançar musicalmente com Midnight Priest ou ainda existe espaço para evoluir ainda mais?

MP- O "Aggressive Hauntings" é um álbum fundamental no desenvolvimento do nosso som. Primeiro porque nos permitiu dar um salto qualitativo enorme em termos de técnica e criatividade; depois permitiu-nos voltar a um domínio mais obscuro do Heavy Metal, que no fundo é o nosso habitat. O nosso som está em constante mudança e reflecte as várias formações da banda ao longo do tempo. Duvido que seja possível atingir o pináculo da evolução porque nunca vamos ficar

totalmente satisfeitos com o que acabámos de fazer.

MH- Vocês gravaram o álbum nos Rock'n'Raw Studios, como é que foi a experiência e quem é que esteve por detrás da mesa a tratar dos botões? Mudaram muito em relação ao que fizeram em álbuns anteriores ou já têm uma certa maneira de fazer as coisas que usam de cada vez que entram em estúdio? Como é que o álbum foi recebido pela critica? Pelo que consegui ler, dá-me a sensação de que foi bastante bem recebido, tiveram essa sensação também?

MP- A nossa maneira de fazer as coisas sempre foi não saber fazer as coisas. Nós sempre improvisámos. Foi assim que acabámos a gravar em três estúdios diferentes, mas o disco foi muito bem recebido e superou as nossas expectativas. O Bruno gravou-nos em tempo recorde e salvou-nos a produção. Já temos contacto com o Bruno há muito tempo, mesmo com outras bandas com que ensaiamos no R'n'Raw (ou infelizmente agora, ensaiávamos). Grande abraço ao J. Galrito que nos captou as baterias e ao Sérgio Pratas que fez magia na masterização e levou o disco para outro nível.

MH- Regresso de Midnight Priest a Barroselas, o que é que a malta pode esperar de Midnight Priest? Vão aproveitar para rodar o 'Aggressive Hauntings' ou vai ser mais uma passagem pela vossa carreira do que centrado num álbum só? Últimas palavras ficam a vosso cargo!!! Abraço!!!

MP- O nosso set vai ter um pouco de tudo, até uma música nova. Vamos tocar malhas que não tocamos há anos, vai ser uma viagem no tempo com os olhos no futuro. Podemos finalmente regressar ao melhor palco do país, no festival mais icónico do underground. Barroselas or Die!!!

BIRDFLESH

Thirty years delivering the goods is not for everyone and that's the amount of years that BIRDFLESH has been assaulting our years with their GrindCore!!! And we love to have them in Portugal, so prepare your bones for one more party!

MH- Hey guys, how are you? Covid probably screwed some of your plans, so how did you cope with all this situation we have been living for the past couple of years? Now that things are slowly returning to a more normal state (although now there's one other situation happening), any plans already to play live?

B- Yes, it's been two years of no shows, but it has been the same for all of us in this scene. And it could have been worse of course. We have spent some time writing new songs and record them, so we have been quite busy. But it feels good to start playing shows again. We played Germany this last weekend and we have Holland in two weeks and obviously Barroselas. Then we have Maryland death fest in May.

MH- 30 years in the business, that seems long, probably some of your fans weren't even born when you guys started to destroy ears in Sweden, how do you feel about the path you guys have travelled so far with Birdflesh? Is it being a fun ride? You guys played pretty much all over the world, so what's the weirdest place where you've played?

B- Correct! It's crazy when you think about it. It really doesn't feel that long. It's still fun to play and meet fans everywhere we go. It's hard to say which place is the weirdest place we've played but Australia and Japan were amazing since it's so far away from home. So that feels kinda weird.

MH- During the pandemic you recorded an EP, which brings 13 studio songs and 11 live tracks, so first, did you have any difficulties, due to what was happening, in recording those songs or it was quite normal and chilled? Secondly, when and where were those live tracks recorded? There are a couple of good lyrics in there as 'Like a young girl in her prime' from 'Radioactive Madness' or 'I am finger lickin' good' from 'High On Carnage', so what was your inspiration for 'All The Miseries'?

B- We had a lot of energy when we entered the studio, so everything went very smooth. We rehearsed once before the recording so there was no time to get tired of the songs. Glad you like the lyrics. Inspiration comes from life itself. It's crazy enough to fit us. The live songs were recorded at the Masters of grind festival in Belgium in November 2019.

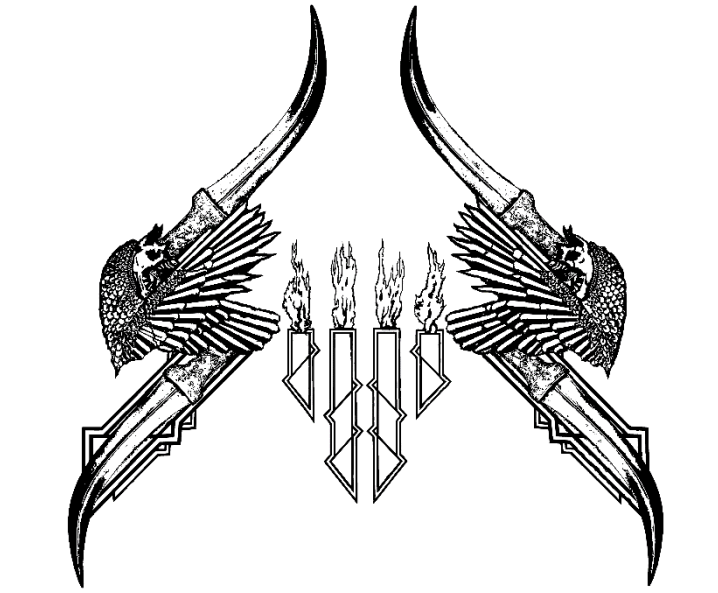
MH- I remember you saying in one interview '*we are absolutely serious with Birdflesh serious, but the most important thing is to have fun*', would you agree the world would be so much better if everyone had that kind of thinking? You guys have

more than a couple hundred songs in your CV so how do you choose what are you going to play in a concert? You use a Ouija board to decide?

B- Yes, we still do this for fun, and we are still 100% serious about it. Of course, the world would have been better if we all could go along and enjoy our short time on earth. Why doesn't everyone just want to have fun and chill and drink beer? We choose the songs we are able to play live. Since we never rehearse, we almost never learn the older songs.

MH- You guys are returning to Portugal, and again to Barroselas, to play in a fest that finally is happening after all this shit situation we lived, so any expectations at all? And for the people that are going to see you guys for the first time, do you want to warn them about maybe they can have too much fun? Do you have good memories from your several concerts in Portugal? Last words are yours!!!

B- We are looking forward to play Barroselas again. It's been too long and two years of trying to come back. But it looks good so far. Probably the trip will kill us like always. For new fans we can only say: Let's crazy! The only memory we have from Portugal is thinking we lost our passports at the airport. But we didn't. So, let's make new memories like that! Cheers and see you soon!



Backed by one of the most fiercest albums of 2021, SIJJIN is debuting in Portugal for the pleasure of all into good music and especially Death Metal!! Although being a recent band, the people behind are no newbies so expect a demonstration of power and fiery Death Metal!!! Only Death Is Real!!!

MH- Hey guys, how are you? Covid probably screwed some of your plans, so how did you cope with all this situation we have been living for the past couple of years? Now that things are slowly returning to a more normal state (although now there's one other situation happening), are there any plans already to play live? Has some of the people reading this will have here their first introduction to Sijjin, can you please let us know who is behind the instruments?

S- Greetings Nuno, nice to be featured in Metal Horde zine again. Well, Sijjin consists of Ekaitz Garmendia on guitars, Ivan Hernandez on drums and me, Malte Gericke on bass and vocals. Indeed, we had intended to play live a lot over the recent years, but what could we do? We were still creative and recorded our debut album named *Sumerian Promises*, so at least we were able to bring this monster out. We have some cool gigs coming up this year for sure plus a three week European tour with mighty Sadistic Intent, so let's hope for the best.

MH- Although Sijjin is quite a recent band, the people behind it are in the scene for quite a while, so how did happen the idea to create Sijjin? I've read something about 2017, so did you create it while still working on Necros Christos music or both bands never existed musically at the same time? Speaking of that and because Necros Christos is such an important name in the Death Metal scene, do you think you will ever be able to answer a Sijjin interview without mentioning your past with Necros Christos? Eheh

S- Most likely not, haha, but of course it's fine for me. Sijjin actually was born when we made a trip to PartySan in 2017. NC still existed around this date, but I told Ekaitz and Ivan about my ideas for a new band and both were immediately up for it. After the trip, we sealed an oath to come up with the most devastating material possible and we started working on songs right after. With NC, we still practiced, but were out of composing mode so to say. We had planned some really cool farewell shows for 2020, but it all fucked up due to damn fucking Covid. Since we all agreed by not postponing those shows to a later date, we disbanded Necros Christos in 2021 and laid it to its final slumber. No regrets on this, it is good as it is, although I had wished for a more glorious finale.

MH- You guys started in the beginning with a self-released demo-tape in cassette format, which is a breath of fresh air compared to nowadays scene, where a lot of bands start as soon as they are formed with an album, was important for you to do things the right way and in the right steps? Would you say that demo worked as way for you to test the waters and see if you still had it in you? On the overall, how was the feedback to your debut work?

S- The demo gained us a worldwide following and was a complete success which we didn't expect honestly. If it is indeed the "right way" to release a demo tape first should be decided by everyone alone, as for us, it was the definite way to go. My Metal education took place in the late 80ties, where it was common to release one demo minimum first. Please hence that with NC, we even did three

demos before we went for our debut *Triune Impurity Rites*. I am still proud of *Angel Of The Eastern Gate*, the tape definitely had some impact which prepared the scene for *Sumerian Promises*.

MH- 'Sumerian Promises', your debut album came out in the end of 2021, how was the experience of writing it? Very different from your past works? Also was it difficult to record it with all the Covid restrictions or things were more relaxed when you decided to record it? The album was produced by your guitarist Ekaitz on his studio, BlackStorm Studios which are located in the Basque Country, did you travel there to record it, or you and Iván send him the tracks and he did the rest with help from you guys at a distance?

S- We recorded the album live, means, we played our asses off in the same room at BlackStorm and just overdubbed the second rhythm guitar, solos and vokills. Ekaitz` studio is the perfect place to be and he`s a master not only on the guitar, but also while recording and mixing. Many bands are using BlackStorm now and it seems it even grows in unexpected heigths. Covid indeed had made it a bit tricky, but since I am the only band member living in Germany, it was just my business to get my ass down to Basque country. Ivan had moved back to his homeland in 2020 and has now settled with his wife in Galicia. To sum it up, those fuckers can enjoy the Basque and Galician sun while I can enjoy the urban landscapes and ruins of fucking Berlin.

MH- Now, let me congrats you on 'Summerian Promises', which is a hell of a debut full of great songs!! The album seems to pay homage to the Death/Thrash Metal of the end of the 80's/early 90's with a ton of brutal riffs and direct hooks, am I correct to assume that? 'Sumerian Promises' came out through Sepulchral Voice Records, which was also the label behind Necros Christos releases, the fact you have a very good relationship with Thomas made the decision of working with him a no-brainer, right?

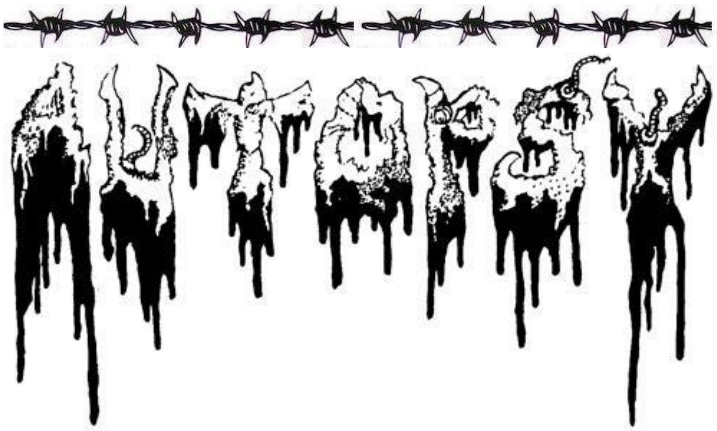
S- Yep, absolutely. We asked him if he would like to release the first Sijjin album and since he was a declared fan of *Angel Of The Eastern Gate* already, he luckily agreed on it. *Sumerian Promises* sounds as we had intended it to sound, although Ekaitz blew us away with his final mix. It is for sure a record which could have been released by 1987 if you ask me and it features exactly our vision of how Death Thrash Metal madness must be executed. Thanks for your comments on this, appreciated!

MH- One thing I always loved in your works is the importance given to lyrics, and in Sijjin, things aren't different, although here your lyrics seem more influenced by horror stories in the vein of early 20th century writers as Lovecraft or Blackwood (which unfortunately I only discovered a couple of years ago), am I close or blatantly wrong? Can we see 'Sumerian Promises' as a compendium of stories instead of one major story which develops throughout the eleven songs (including the instrumental)?

S- You are absolutely right, I love telling classical horror stories and I am a huge adorer of Arthur Machen, Blackwood and Lovecraft. Every lyric on the album can stand for its own, although there`s some which seem to be connected in some way concerning their topics. *Outer Chambers Of Entity*, *Those Who Wait To Enter* and *Condemned By Primal Contact* deal with kind of Lovecraftian cosmic horrors, while *Daemon Blessex, White Mantras* and *Unchain The Ghost* revel in infernal mysteries of black ceremonial magic.

MH- Although this will be Sijjin's debut in Portugal, you are returning to Barroselas, where you played with Necros Christos in 2011, to play in a fest that finally is happening after all this shit situation we lived, so any expectations at all? And for the people that are going to see you guys, probably for the first time for all, what can they expect? Any good memories from first passage through Barroselas? Last words are yours!!!

S- We just hope for a good, relentless show with the crowd getting wild, so let`s see what turns out. Indeed we are looking damn forward to play for all Portuguese maniacs, I have only the best memories of our stay at Barroselas ten years ago. Thanks a lot for the interview and see ya hopefully all at the day of the gig, Cheers brother!



I don't think I need to do a big introduction to AUTOPSY, one of the pounding names of the Death Metal scene since they were formed in 1987!! If you are a Death Metal fan, albums like 'Mental Funeral',

'Severed Survival' or 'Acts of the Unspeakable' should be in your collection and now it's time to see them live in Portugal!!! Death is real!!!!

MH- Hey Chris, how are you? Let's start with introductions!! I know most of those who are going to read this know who you are but who are the gentlemen behind the instruments in Autopsy? Now, what do you prefer as beverage when you're on the road?

A- Hello Nuno and anyone reading this! I hope you're nice and comfy and ready to have your lives permanently altered by these answers. Or at least I hope you can find your reading glasses like I need now to do just about anything that involves seeing stuff. As always, we have Eric Cutler and Danny Coralles on pieces of wood with strings stretched out over them. And over there on the left is Joe Trevisano, who plays another piece of wood with slightly larger strings attatched to it. And this guy behind the words hits pieces of wood with skins stretched across them as well as weird metal objects. Oh yeah, I yell and spit a lot too. As for beverages, water, though boring on the surface is necessary for continued existence. I also like drinks that make me feel funny and when in Holland I usually have to track down some Chocomel.

MH- You've probably answered this one, a million times but I can't remember it so I'm going to ask you, after you quit Death, when Chuck moved back to Florida, how did you and Eric meet and decided to form Autopsy? When you guys started the band did you ever think that more than thirty years later you would be answering interviews and doing music with Autopsy? Or the main goal was to survive day after day? Eheheh How was the Bay Area scene on those days, from an insider look?

A- I met Eric through Steve DiGiorgio, who was a mutual friend of ours. He lived right right around the corner from me and we got along right away. As soon as I realized my time in Death was over Eric and I decided to start our own band which became Autopsy. We definitely weren't thinking of the future at that point. Eric will probably agree that our primary focus as broke teenagers was to find out who had weed in town so we could drop by for a "random" visit. Haha! Besides that, yes, daily survival was the operative thought. And due to us never having a rehearsal room that meant waiting for someone's parents to leave town so they could throw a party and let us be the house band. That was how we got practices in for the first three years or so of the band. Always thinking on our feet, ya know? Regarding the bay area scene at the time we probably considered ourselves the anti-bay area band or something like that. In other words, rebelling against the thrash dominated environment that was popular. Maybe it was a narrow-minded outlook but it pushed us to be heavier and more morbid than the flavor of the day. I guess being snotty middle finger waving greaseballs worked out ok in the end.

MH- So what's with Autopsy and bass players? In your first incarnation you had like six guys playing the bass but since 2010 Joe has stuck to the spot, so what does he have that no other bass player had? Patience? Beside that spot you have been the same three almost your entire career, the fact that you disbanded in 1995 in good terms made the reunion a possibility with everyone on board? How's been the ordeal of putting with each other for the past 31 years (at least you and Danny are for that long)?

A- I think we pissed off the bass gods during chapter one of the band somehow because it did seem like a curse back then for one reason or another. But hey, the train kept a rollin' anyways and we still managed to get shit done. Joe was in Abscess with Danny and I and when Autopsy reformed and Abscess split up we convinced Eric that Joe would work out and probably wouldn't steal small valuable objects from his house if let in. We never got to test that theory but more than likely it still stands. As for the longevity of the band as an entity or whole, maybe scientists can scrape out the inside of our skulls someday and figure out what made things happen the way they did. I recommend they smoke whatever they find in there and don't worry about it though. What could go wrong?

MH- Speaking of long term relationships, you guys have been with Peaceville Records since your first album, 'Severed Survival' from 1989, more than 30 years, that's what I call a working partner, do you recall how did you start working with Hammy and Peaceville? Probably you guys were all very young

when that relationship begun, so did it mature well, like all of you? Eheheh

A- It's a well know bit of folklore that Jeff from Carcass turned Hammy on to us via our demos. I had traded tapes with Jeff and next thing you know, I got a letter from Hammy asking if we were interested in signing with Peaceville. We had gotten only one offer from a strange unknown label before that which was dicey at best and easy to ignore. So Hammy's offer looked good and off we went, into the deep end without water wings, a snorkel or a raft. Looking back it was kinda cool. Peaceville and us were both just getting off the ground and we somehow trusted each other. And whoa, that was 32 years ago! Wild, huh?

MH- And how would you say 'Severed Survival' matured? I've heard you guys wasted like half of the budget in weed, so how were you guys even able to record it? Ehehe What would you say what's the biggest difference between Autopsy which recorded that album and Autopsy nowadays? What does still make you want to make music as Autopsy?

A- It still sounds the same to me and is too deeply ingrained in my veins to think about it objectively so I'll leave it to other listeners to pick it apart or just spin it and enjoy. Yes, we bought a ton of weed with budget money. Ok yeah, half of it. It seemed like a smart move at the time, ya know? Haha! As for Autopsy, as long as we feel the same way when we play this stuff, we know we're doing it for the right reason. I hate to say it, but we've grown up a bit as people over the decades but don't worry, not TOO much. We just try to be smarter instead of dumber as we move along through life. Sometimes it even works! Someday I might examine what makes us go forward but right now I feel too busy just doing it and trying to get to the other end of the tunnel, so to speak. There's always the option to sit on a park bench and feed ducks instead but we haven't chosen that one quite yet.

MH- 'Puncturing the Grotesque', from 2017, was your latest work to come out, I've read that, lyric wise, ' as an all concept behind it, so do you want to enlighten us with what's about? Your lyrics have always been quite detailed and visual, so what inspired you to write all along these years? Horror movies had a big impact on them or living in these past centuries is horrific enough to fill a few albums?

A- To put it simply, Puncturing the Grotesque is about mankind slipping into an even further degenerative and destructive state in every way possible. And even better, when everyone is dead and buried due to self-annihilation, their corpses continue to war with each other underground from their graves. And on and on it goes. As for horror movies, we've taken inspiration from a handful or two over the years, but the majority of our lyrical material is stuff that we imagine on our own. For my part, I just try to come up with words that fit the sound and atmosphere of the song they go to. Sometimes it's easy and sometimes it takes a little more thought but it's all part of what makes the picture complete. Don't expect anything pretty or peaceful from Autopsy any time soon!

MH- You've talked in your facebook page about doing new music and everyone went berserk, so how's that going? Do you have a favorite spot to be, if I make you choose between live stage and rehearsal place/studio?

A- We have made plans to record a new album this year actually, so look out for more details on that in the very near future. We've even added a new song into our live set, so people can get a taste of what's festering in our musical cauldron. If you have a death metal appetite, it should be sure to guarantee the proper amount of nausea. Now as for shows vs. the recording studio, they're both very different. I enjoy playing live and getting the immediate impact from fan interaction. That part is great. The downside to playing live is it usually involves very long plane rides in tiny seats, for maximum discomfort. If someone will hurry up and invent a transporter we can play live more often and just beam ourselves there. The studio always feels like a magical place to me. It's where all our crazy musical ideas turn into reality. I even like the boring, tedious aspects because it's all part of the process. And hey, if we make mistakes, we can fix 'em!

MH- These last couple of years have been a complete shitstorm, how have you guys been coping with it? You finally are playing the SWR, which I think is your first appearance in Portugal, right? Any expectations? And what can the crowd in Portugal expect from Autopsy? A journey through Autopsy's history? Last words are yours!!!

A- We've been dealing with it just like everybody else. We had to deal with lots of postponements and of course lockdown at first. Same as most people. Now there's a whole new mess with war going on. Fuckin' hell man, grim times. As for Autopsy in Portugal, yes it will be our first time, so we don't know quite what to expect. Should be awesome though. And what the crowd should expect is brutal death metal as heavy as we can deliver. Hope to see you there!